

Rose Serra: uma vida de paixões e subversões

Rose Serra: a life of passions and subversions

Monica de Jesus Cesar* 



Fonte: acervo da homenageada

Rose Mary Sousa Serra nasceu na cidade de Grajaú, no estado do Maranhão, e, desde cedo, já se mostrou uma criança diferenciada, muito atenta e observadora. Devido à profissão de seu pai, coletor federal, a família não conseguia fixar residência de maior duração. Assim, em busca de oferecer melhores condições de ensino para seus filhos, o cuidadoso pai mandou-a para São Luís, capital do Maranhão.

Desde a juventude, Rose Serra manifestou um comportamento irrequeto. Na inspiradora cidade de São Luís participava do grupo de jovens, denominado Juventus, dedicado à cultura literária, ampliando o seu leque de relacionamentos e conhecimentos. Foi interna no *Colégio Santa Tereza das Freiras Doroteias*, que, à época, era considerado o

HOMENAGEM DE VIDA

<https://doi.org/10.12957/rep.2023.78956>

*Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
E-mail: mojcesar@gmail.com.

Como citar: CESAR, M. J. Rose Serra: uma vida de paixões e subversões. *Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 53, pp. 253-262, set./dez. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/rep.2023.78956>

Recebido em 01 de julho de 2022.

Aprovado para publicação em 10 de julho de 2023.



© 2023 A Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

melhor para as meninas da sociedade maranhense. Neste colégio, Rose teve maior contato com o catolicismo e com diversas leituras, desenvolvendo uma paixão que perdurou por toda a sua vida: a literatura!

Estudante secundarista do curso normal, neste período já revelava traços de sua rebeldia à ordem estabelecida, aproximando-se dos movimentos da *União Nacional dos Estudantes* (UNE). Foi neste ambiente juvenil que começou a ser delineado o seu perfil político e de militância que a acompanhou em toda a sua trajetória. Essa aproximação, no entanto, foi relativamente interrompida quando o pai, mais uma vez pensando nos filhos, julgou que seria melhor residir num centro urbano que lhes oferecesse mais oportunidades de crescimento pessoal e profissional, escolhendo a cidade de Ribeirão Preto (SP) para mudar-se com toda a família.

Rose Serra prestou vestibular para o curso de direito, num contexto em que fervilhavam, no país, vários movimentos sociais e populares favoráveis às reformas de base, tais como a mobilização estudantil através da UNE, a organização do proletariado no *Comando Geral dos Trabalhadores* (CGT) e, entre os trabalhadores rurais, as *Ligas Camponesas*. A semente da defesa das camadas mais empobrecidas da população brasileira encontrou terreno fértil dentro dela, aproximando-a da ideologia de esquerda.

Foi quando conheceu um personagem muito especial na sua história: o Padre Enzo Gusso, ex-orientador da *Juventude Universitária Cristã* (JUC), que, por ser considerado subversivo, foi expurgado da diocese paulista. Ele proporcionou aos jovens universitários, e especialmente à Rose, uma sólida base de estudos políticos, éticos, cristãos e marxistas, exercendo uma influência fundamental na sua formação humana e profissional.

Uma importante experiência foi a sua participação na *Ação Universitária Cristã* (AUC), criada pelo padre Enzo como uma alternativa derivada da JUC. Com esta inserção, Rose desenvolveu um conjunto de preocupações com a preservação das instituições democráticas, com a ascensão dos trabalhadores, nas cidades e nos campos, com as condições de vida dignas e em igualdade e, sobretudo, com a construção de uma sociedade sem as desigualdades e as atrocidades derivadas da exploração capitalista.

Nesse contexto, Rose aprofundou-se nas leituras, nos clássicos, na música e nos questionamentos existenciais. Foi a partir deste momento que ela desenvolveu sua consciência política e social, que foi responsável pela mudança de curso para o Serviço Social: outra paixão em sua vida!

Rose se tornou líder estudantil do curso de Serviço Social na *Universidade de Ribeirão Preto* (Unaerp), para onde havia se mudado. No final de 1968, foi eleita presidente do diretório acadêmico (DA) e mergulhou na agitação política contra a ditadura civil-militar. Em 1969, passou a dirigir a *Ação Universitária Cristã* (AUC), o que foi decisivo para a sua formação política e cultural. Foi detida duas vezes pelo exército, respondeu inquérito e

durante alguns meses teve que “desaparecer” para sua segurança. Foi na AUC que Rose se tornou marxista e pode experimentar o exercício da prática democrática e da convivência plural, pois distanciava-se paulatinamente das posições cristãs, ao mesmo tempo em que tinha acesso à produção do Serviço Social reconceituado latino-americano e alimentava a sua paixão pela literatura, poesia e teatro.

Adquiriu uma formação político-teórico-cultural de qualidade, tornando-se uma assistente social gabaritada ao exercício profissional. Imersa nesse caldo político-cultural, Rose colou grau em 1972 e, logo após a conclusão do curso, alçou emprego no Parque Industrial de Londrina. Lá, suas experiências profissionais foram múltiplas, pois além da iniciação profissional em empresas, trabalhou nas áreas de habitação popular, envelhecimento, criança e adolescência, sociojurídica, previdenciária e, também, como docente. Ingressou no *Instituto Nacional de Previdência Social* (INPS) por concurso público e foi escolhida para dirigir o grupamento de Serviço Social, criado em 1975.

Nessas experiências profissionais, foi demitida de forma injusta, perseguida politicamente e sofreu ameaças e punições, mas continuou suas atividades profissionais de vanguarda e sua militância política, que colocava em questão o *status quo*. Nos anos de chumbo da ditadura, militou no grupo de mulheres combativas, chamadas de “*As bravas*”, que criou a seção de Londrina do *Movimento Feminino pela Anistia* e, na sequência, o jornal *Brasil Mulher* para difundir as ideias do movimento.

Foi também em Londrina que Rose Serra iniciou sua participação na organização da categoria de assistentes sociais, onde atuou para fortalecer a Associação Profissional dos Assistentes Sociais (Apas). Todavia, a situação em Londrina foi ficando difícil, institucional e politicamente, por sua oposição à ditadura através das suas atividades profissionais e militância política. Então, Rose decidiu encerrar o ciclo em Londrina e pediu transferência do INPS para o Rio de Janeiro, onde veio cursar o mestrado em Serviço Social na Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ), em 1978, no qual afinou-se com o pensamento marxista de Antonio Gramsci.

No período de 1978 a 1980, Rose esteve muito envolvida com as atividades docentes, com o curso de mestrado e, principalmente, com a organização da categoria. Junto com outras(os) companheiras(os), encampou um protagonismo no movimento de renovação da profissão, no âmbito da organização política, da formação e do exercício profissional, nas décadas de 1970 e 1980. Ela faz parte de uma geração que contribuiu de modo substantivo nas lutas pela redemocratização da sociedade brasileira e, em especial, para as mudanças efetivas no Serviço Social.

Participou ativamente, à frente ou nos bastidores, de vários episódios e movimentos deste processo de renovação profissional, em que se destacam: o III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais em 1979 – que redirecionou o compromisso ético-político

da profissão; a criação da Associação Nacional de Assistentes Sociais (Anas) em 1983 – constituída como entidade sindical autônoma da categoria; a aprovação do currículo mínimo em 1982 pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC); o Novo Código de Ética Profissional, em 1986, e a sua reformulação, em 1993 – que incorporou o compromisso profissional da categoria com a democracia, a liberdade e a justiça social; e a mudança, em 1993, da Lei de Regulamentação da profissão – que garantiu as competências e atribuições privativas do assistente social.

É incontestável que Rose Serra colaborou com seu pensamento e ação para que, no Serviço Social, fosse estabelecida uma relação orgânica da categoria profissional com os movimentos sociais. Essa relação se expressou por meio da organização política de assistentes sociais e da sua articulação com os órgãos e instâncias de lutas da sociedade civil, materializando, a partir do final dos anos 1970, mudanças no Serviço Social em todas as regiões do país, sob a égide de um novo projeto político hegemônico da categoria.

Rose Serra dedicou a maior parte de sua vida à docência. Lecionou várias disciplinas e orientou monografias, dissertações e teses nas universidades em que atuou como docente, especialmente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Sempre disponível para compor grupos de trabalho e responder às demandas acadêmicas, Rose tinha impressionante capacidade de contribuir para fortalecer as lutas pela democratização da universidade e para que fossem dadas respostas qualificadas às necessidades do cotidiano acadêmico, sempre inquieta com seus múltiplos questionamentos e conclamando seus pares para o debate.

Como docente, Rose Serra iniciou sua carreira no ensino superior na Universidade Estadual de Londrina, onde desenvolveu atividades como professora auxiliar no período de 1973 a 1977. Posteriormente, atuou como professora assistente por um ano, entre 1978 e 1979, na Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro e, no período de 1983 a 1984, trabalhou na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Ainda com vínculo celetista, ingressou, em 1984, na Universidade Federal Fluminense (UFF), onde permaneceu até 1997. Na UFF, sua potencialidade acadêmica e profissional ganhou ímpeto, principalmente com o projeto de extensão universitária junto ao Posto de Saúde Estadual do Bairro de Caramujo em Niterói (RJ). A experiência desenvolvida neste projeto ganhou notoriedade nos anos 1980, por articular ensino, pesquisa, extensão e estágio, numa perspectiva interdisciplinar, sob o influxo da corrente marxista, que consolidava o processo de renovação do Serviço Social em oposição ao seu tradicionalismo.

Considerando a sua escalada, podemos dizer que foi na Uerj que a trajetória de Rose Serra atingiu um patamar significativo em sua inserção acadêmica. O ingresso na Faculdade de Serviço Social (FSS/Uerj), em 1981, marcou profundamente não só a vida acadêmica e profissional de Rose, mas toda a dinâmica da faculdade e, também, da uni-

versidade. Nos referimos à inesquecível greve estudantil de 1982 na Uerj, que teve como estopim a não renovação do contrato de uma professora substituta: a assistente social e professora Rose Serra. Sem dúvida, esta greve expressou, como diria Hegel (2005), o *Zeitgeist*, o “espírito do tempo”.

O espírito do tempo é o da década de 1980, marcada por uma grave crise econômica concomitante às pressões coletivas pela democratização das relações sociais e políticas no país. Novos protagonistas emergiam no cenário político, alterando as regras e bases de sustentação da ditadura civil-militar. A vida política foi sacudida por um amplo movimento de massas que propunha mudanças profundas na institucionalidade econômico-política e social do país, cuja expressão maior se deu com o movimento das *Diretas Já*. Tal movimento se desenvolveu com as greves do ABC Paulista, com as mobilizações dos trabalhadores rurais por aumentos salariais e pelo acesso à terra, bem como com a luta de outros movimentos populares por melhores condições de vida, que se proliferaram nas periferias pobres dos grandes centros urbanos.

Apesar dos bloqueios impostos pela “transição pactuada” para o regime democrático, a articulação das novas forças sociais e os avanços dos movimentos reivindicatórios conformavam as dinâmicas profundas, que vinham revolvendo e modificando a sociedade brasileira nesse período. O desejo de mudança se expressava na: reafirmação das liberdades democráticas; impugnação das desigualdades sociais; afirmação dos direitos sociais; exaltação da vontade e soberania nacionais e no repúdio às interferências e pressões externas. O desejo de mudança significava alterar práticas, regras de conduta e comportamentos institucionalizados, bem como romper com o conservadorismo predominante das classes dominantes.

Em sintonia com essa conjuntura histórica, o Serviço Social avançava no processo de renovação profissional, fortalecendo a organização da categoria, debatendo a formação acadêmica e redimensionando as práticas profissionais. Vários acontecimentos deram visibilidade a esse momento do Serviço Social no país, em consonância com as lutas pela democratização da sociedade brasileira. Embalados(as) pela reanimação das oposições sindicais, com a deflagração de greves confrontando a ditadura civil-militar, os(as) assistentes sociais, conforme já exposto, “viraram a mesa” em 1979, no antológico Congresso da Virada. Neste marco, os assistentes sociais, inspirados na matriz marxiana, promoveram inegáveis avanços no debate, na investigação, nas práticas e nas iniciativas de organização do campo profissional, que foram aprofundados posteriormente.

Em todos esses processos, a perspectiva de *intenção de ruptura* (NETTO, 1991) ganhava densidade. É também dessa década a inserção do Serviço Social na instituição universitária pública e as primeiras incursões na pós-graduação. Abre-se caminho para a qualificação de quadros profissionais, para a pesquisa e para a produção de conhecimento.

Apesar desses avanços, ainda permanecia uma forte “resistência conservadora” (CISLAGHI; BRANDT, 2014) na universidade e, também, na Faculdade de Serviço Social (FSS). Na Uerj, as práticas autoritárias eram preservadas, sobretudo, pela ausência de mecanismos de consulta à comunidade acadêmica. E para fazer frente a essa persistência despótica foram criadas entidades sindicais e fortalecidas as lutas pela recomposição de forças e instituições democráticas no interior da universidade.

A FSS, também permeada por práticas autoritárias, tinha em sua direção um filósofo e não um(a) assistente social, ferindo a legislação vigente. Seu corpo docente também não era composto majoritariamente por assistentes sociais, mas por profissionais de outras áreas que eram indicados pois, nesta ocasião, não havia concurso público na Uerj. As instâncias deliberativas não eram abertas à participação estudantil nem eram regularmente acionadas. Além disso, o currículo do curso de graduação estava vinculado a uma perspectiva de integração à ordem. Neste contexto, houve a ampliação do quadro docente, e Rose Serra ingressou na FSS/Uerj como professora substituta, num ambiente em que os professores assistentes sociais eram minoria e estavam numa posição de subalternidade acadêmica e política.

Rose representava o conjunto de profissionais que se situavam no campo progressista e atuavam no processo de mudança da sociedade brasileira, participando dos movimentos sociais no campo democrático popular, que se mobilizaram e se articularam em torno de um projeto de transformação social e de outra cultura política. Rose representava o legado do Movimento de Reconceituação latino-americano, sobretudo em seu momento final, a partir de 1975, que culminou com o repensar desse movimento e resultou em novas alternativas de prática profissional baseadas em referências teóricas da tradição marxista. Enfim, nossa homenagem desta edição representava, junto aos demais sujeitos, a renovação num contexto de disputa entre projetos societários e profissionais distintos e numa conjuntura de intensificação de embates e conflitos.

Assim, durante o período de férias em 1982, o diretor da FSS/Uerj, o filósofo Aquiles Cortes Guimarães, decidiu arbitrariamente não renovar o contrato de Rose Serra e, também, destituiu a chefe do Departamento de Formação Básica, a professora e assistente social Alany Pinto Caldeira, nomeando um sociólogo para substituí-la. Em sequência, demitiu de modo ilegítimo quatro professoras e assistentes sociais, inclusive a ex-chefe do departamento: Alany Pinto Caldeira, Ana Maria de Vasconcelos, Maria Alice Correia e Maria Helena Rauta Ramos. Esses fatos revelavam a estratégia de um segmento reacionário que objetivava a manutenção dos elementos conservadores presentes na profissão, atuando na contramão do processo de renovação do Serviço Social.

Em consequência das medidas arbitrárias do diretor, em 13 de abril, os 242 estudantes de Serviço Social decretaram greve, exigindo, além da pauta de reivindicação ini-

cial, a demissão do diretor, do vice-diretor e a volta das professoras demitidas. Esta pauta foi posteriormente ampliada para a melhoria da qualidade de ensino e democratização das decisões acadêmicas. A partir daí as atividades de mobilização foram intensificadas até o momento em que todos os cursos da universidade pararam em solidariedade à luta do Serviço Social, que também foi apoiada pelas entidades representativas da categoria, configurando uma crise sem precedentes na história da Uerj.

A greve geral da Uerj foi encerrada no dia 18 de maio de 1982, após a conquista da reintegração das quatro assistentes sociais ao corpo docente da faculdade. Rose Serra não teve seu contrato renovado, porém no final daquele ano foi homenageada pela turma dos formandos e, na cerimônia de colação de grau, quando ela entrou no auditório, o público aplaudiu de pé, deixando-a muito emocionada. Posteriormente, em 1984, retornou con dignamente à FSS/Uerj por concurso público, recebendo as “honras da casa”.

Como desdobramento do movimento grevista, houve a ampliação da estrutura da faculdade e do seu corpo docente, a reforma curricular e, sobretudo, a consolidação da democracia nos processos decisórios da unidade, com a participação igualitária dos três segmentos e a instituição do voto universal. São conquistas que atravessam gerações e expressam o papel ímpar exercido também por Rose Serra dentro e fora da universidade.

Na FSS/Uerj, Rose intensificou suas atividades de pesquisa e ensino. Pesquisadora do CNPq com bolsa de produtividade em pesquisa nível II e assessora especial da Sub-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (SR-2) da Uerj, desenvolveu pesquisas importantes, principalmente a partir do curso de doutorado realizado no período de 1993 a 1998 na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sendo orientada pelo professor José Paulo Netto.

Seus estudos de doutoramento culminaram na tese intitulada *Serviço Social/anos 90 – Crise de materialidade e repercussões no mercado profissional*, fundamentando a pesquisa interinstitucional *O mercado de trabalho e a função social do Serviço Social no estado do Rio de Janeiro*, realizada entre 1994 e 1998, mediante parceria com o Cress-RJ. Por meio desta pesquisa, foi possível identificar as características e tendências do mercado de trabalho para a profissão e suas particularidades em organizações públicas, privadas e em entidades sem fins lucrativos no estado do Rio de Janeiro.

Como desdobramento desta investigação, no período de 1999 a 2002, realizou a pesquisa sobre *O pensamento dos empregadores do Serviço Social sobre a profissão*, para identificar as demandas reais e potenciais que então se colocavam, no estado do Rio de Janeiro, através das instituições públicas e privadas. Tratava-se, portanto, de avançar a pesquisa anterior, confrontando os resultados obtidos com aqueles colhidos sobre as condições de trabalho na pesquisa sobre mercado de trabalho.

Entre 2000 e 2004, procedeu uma investigação sobre a relação entre *Política social e trabalho: configurações da questão social e seu enfrentamento na passagem para o século XXI*, na perspectiva de conhecer e debater sobre as políticas sociais de enfrentamento às diferentes expressões da questão social no âmbito nacional e regional. Posteriormente, nos anos de 2002 a 2005, se dedicou a outra pesquisa, intitulada *Transformações societárias e a expansão e características do “Terceiro Setor”*, com valorosas contribuições para o debate sobre a relação do Estado com a sociedade civil acerca das respostas às expressões contemporâneas da questão social.

Já no período de 2005 a 2014, teve como objeto de pesquisa *A política pública de trabalho e renda no governo do estado do Rio de Janeiro*, com os seguintes enfoques: qualificação profissional e economia solidária; determinações econômicas e político- ideológicas da experiência da Secretaria de Estado de Trabalho e Renda do Rio de Janeiro (Setrab); bases, características e inserção do Serviço Social nesta política. Por meio dessa investigação foi possível levantar elementos substanciais para a compreensão dos propósitos do financiamento da política pública de trabalho e renda pelos organismos internacionais em países periféricos, referenciada pela experiência da Setrab, bem como das formas de inserção e participação das organizações populares nesse processo. Essa investigação fechou um ciclo de estudos, iniciados na década de 1990, com a problematização da relação da profissão com essa política, identificando estudos, pesquisas e experiências profissionais.

Cabe salientar, ainda, que Rose Serra coordenou o *Programa de Estudos do Trabalho e Reprodução Social*, o Petres/Uerj, fomentando os espaços interdisciplinares de estudos teóricos e pesquisas sobre as transformações contemporâneas do trabalho, das políticas sociais brasileiras e suas vinculações com o Serviço Social, além de promover a articulação com o Programa de Pós-Graduação da FSS/Uerj, com a participação de alunos do mestrado e doutorado. Várias atividades foram desenvolvidas, além de intercâmbios com programas similares e outras entidades de pesquisa e assessoria.

Ao longo de sua trajetória, Rose contribuiu para o enriquecimento do conhecimento científico, desenvolvendo atividades acadêmicas com notoriedade. Sua atuação, como profissional e docente, foi pautada pelo rigor teórico-metodológico, pelo compromisso ético e pela atitude investigativa e autonomia intelectual.

Revisitando suas publicações, com renovadas emoções, foi possível reencontrar substancial produção, com livros e textos escritos ao longo de sua experiência como professora, pensadora do Serviço Social, ensaísta e militante política. O texto emblemático de sua preocupação com as inquietudes da profissão, na sua vertente dialética, foi o livro de 1982 intitulado *A prática institucionalizada do Serviço Social: determinantes e possibilidades*, proveniente de sua dissertação de mestrado. Seu conteúdo cumpriu um papel extremamente importante para nortear a construção teórico-política de um novo direcionamento crítico para a profis-

são em suas estratégias de ação nas instituições – compreendidas como espaços contraditórios –, ao invés de renegá-las como espaço de trabalho profissional (SERRA, 1982).

Nos limites dessa homenagem, cabe apenas sublinhar que a produção acadêmica da professora Rose Serra é muito relevante para o Serviço Social e para a sua própria vida. Aliás, sua obra e vida se complementam na coerência de quem consegue unir o pensamento à ação, pondo em prática os valores e ideais em que acredita. Como pensadora marxista, militante política e engajada com os demais sujeitos nas lutas sociais, combateu a lógica perversa do capitalismo e esteve sempre comprometida com o imenso esforço de alçarmos a emancipação humana. E não há como negar que a emancipação dos homens com a libertação de todos os seus cativos é uma ideia enraizada na virtude de uma utopia que precisa se tornar real.

Rose Serra é uma personalidade una e múltipla. É una na integridade e fidelidade aos princípios éticos e políticos que ordenaram sua vida; e múltipla na medida em que, na perspectiva de construção de uma nova ordem societária, pensou e viveu a liberdade, a democracia, os direitos humanos, a justiça social, aliando-se à causa dos trabalhadores, das trabalhadoras, dos pobres, dos oprimidos, frente às desigualdades sociais próprias à ordem do capital. Sempre se colocou frontalmente contra e em posição de enfrentamento a todas as formas expressas ou veladas de autoritarismo e opressão.

Ao longo de sua vida, Rose compôs letras de música, escreveu poesias e manteve um *blog*, intitulado *Blogorodó*, para dar vazão à sua arguta criatividade. Com o passar dos anos, colecionou afetos e desafetos, mas sempre se manteve firme em suas posições e fiel aos seus princípios. Foi movida por paixões, provocações, subversões, transgressões e, assim, continua a impulsionar o seu próprio movimento nos tempos e contratempos da vida política, profissional e pessoal.

Casada há 28 anos com a compositora e cantora Maria Olívia, completou sua família com a adoção de Maria Vitória, em 2008, menina muito especial, que conferiu um novo significado às suas vidas. Atualmente, sua filha é a razão maior de sua existência. Sem dúvida, Vivi é a sua grande paixão!

A *Em Pauta* presta esta singular homenagem a esta mulher admirável que, em suas diferentes formas de participação em vários momentos e instâncias da profissão, contribuiu para concretizar as profundas mudanças na organização política, na formação acadêmica e no exercício profissional. Rose Serra é, reconhecidamente, uma importante presença entre os protagonistas desse amplo movimento renovador do Serviço Social.

Para quem conviveu com ela nos espaços de trabalho da FSS/Uerj ficou a saudade dessa mulher ímpar, da sua energia e convicção na defesa de suas posições políticas, teóricas, profissionais e acadêmicas. Um espírito poeticamente apaixonado e, ao mesmo tempo, combativo, impetuoso e, sobretudo, livre!

Referências

CISLAGHI, J. F.; BRANDT, D. B. A imaginação no poder: greve estudantil de 1982 e gestão democrática na Faculdade de Serviço Social da Uerj. In: VELOSO, R. S. *et al.* (Org.). *Trajetória da Faculdade de Serviço Social da Uerj: 70 anos de história*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.

HEGEL, G. W. F. *Introdução à história da filosofia*. São Paulo: Rideel, 2005.

NETTO, J. P. *Ditadura e Serviço Social*. Uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64. São Paulo: Cortez, 1991.

SERRA, R. M. S. *A prática institucionalizada do Serviço Social: determinações e possibilidades*. São Paulo: Cortez, 1982.